

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

GUILHERME KAMBILIS GARBINI

**A NORMALIZAÇÃO DO MACHISMO**

SÃO PAULO

2023

GUILHERME KAMBILIS GARBINI

## **A NORMALIZAÇÃO DO MACHISMO**

Projeto desenvolvido para a disciplina Reportagens Especiais, do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Silvestre Cardoso

SÃO PAULO

2023

## **RESUMO**

Este artigo científico tem como objetivo analisar e mostrar o quanto o machismo está intrínseco no meio da sociedade. Trazendo a música como exemplo principal, e o funk como enfoque, foi analisado a forma em que o machismo está impregnado no meio social de diferentes formas, dentre elas, nas letras e canções de funk. Muitas vezes, o machismo já está instaurado nas nossas práticas e costumes, por isso, acabamos passando uns aos outros, diálogos, pensamentos e formas de ser e de estar, machistas – mesmo que essa não seja a vossa principal intenção. Tendo como recorte o surgimento do funk nos anos 90, o artigo traz em seu corpo, a análise de diferentes tipos de funk e sua contradição, a participação da mulher no funk, e a definição da ideologia machista.

Palavras-chave: machismo; funk; música; cotidiano; intrínseco.

## **ABSTRACT**

This scientific article aims to analyze and show how much sexism is intrinsic in society. Bringing music as the main example, and funk as a focus, the way in which male-chauvinist is impregnated in the social environment in different ways was analyzed, among them, in funk lyrics and songs. Often, male-chauvinist is already established in our practices and customs, so we end up passing on dialogues, thoughts and ways of being, sexist to each other – even if that is not your main intention. Taking the emergence of funk in the 90s as a focus, the article brings in its body, the analysis of different types of funk and its contradiction, the participation of women in funk, and the definition of the sexist ideology.

Keywords: male-chauvinist; funk; music; daily; intrinsic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>1. A MÚSICA COMO UM DOS MICROMACHISMOS DA SOCIEDADE .....</b>	<b>06</b>
<b>1.1 O SURGIMENTO DO FUNK E SUA ASCENSÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO FUNK .....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 A NORMALIZAÇÃO DO MACHISMO NO FUNK .....</b>	<b>10</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>12</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>13</b>

# Introdução

No meio social, é fato dizer que a sociedade é, em seu interior, machista. Isto porque, nascemos e somos criados em uma sociedade patriarcal, na qual os valores da mulher estão submissos aos dos homens. Os valores e modo de pensar e de estar no meio social, são de certa forma machistas.

O machismo não está apenas nas situações mais extremas da palavra, mas sim nos pequenos atos do cotidiano e que muitas vezes levam ao extremismo da palavra. Esse fenômeno pode ser chamado de micromachismo.

Dentre eles, está a música. Quantas músicas que ouvimos colocam a mulher como um ser submisso na relação? Sobretudo no funk, esta é uma maneira comum de se colocar a mulher. Seja nas letras ou nas danças, as mulheres são, muitas vezes, colocadas de forma inferior e expressadas como objetos sexuais diante do homem.

Este, é apenas um exemplo a ser analisado como um micromachismo diante do meio. Analisaremos como, de certa forma, a mulher e o homem são colocados neste contexto de forma subconsciente e não proposital: por estarem inseridos num meio onde aprenderam a segregar os sexos desde pequeno.

Neste, analisaremos os conteúdos machistas que estão presentes de forma intrínseca na nossa sociedade, trazendo o funk para a análise. Trazendo a história do funk e o seu surgimento, há uma análise que faz com que este estilo musical seja atacado por muitos desde o seu nascimento.

Por estar totalmente inserida na sociedade, a música tem sim uma responsabilidade ao que diz ao público. Ela é, e jamais deixará de ser, um reflexo puro do contexto em que o meio está inserido, tornando-se espelho do que é praticado no meio social. Portanto, é importante ressaltar de que ela é fundamental para o bem-estar social e para o desenvolvimento de todos.

Além disso, o funk trás muito do contexto em que ele é criado, por isso há uma mera diferença entre o funk carioca e o funk paulista, por exemplo. O meio em que ele é criado, está totalmente interligado com os problemas sociais existentes naquela região, uma vez que, o funk é caracterizado por ter surgido nas comunidades do Rio de Janeiro e, posteriormente, no subúrbio paulistano.

# FUNDAMENTAÇÃO

## 1. A MÚSICA COMO UM DOS MICROMACHISMOS DA SOCIEDADE

### 1.1 O SURGIMENTO DO FUNK E SUA ASCENSÃO

Como uma das representações midiáticas mais poderosas das últimas décadas, o Funk surgiu na periferia do Rio de Janeiro em meados da década de 70. Este estilo musical, chegou ao Brasil junto aos Estados Unidos, no qual se criou acerca de diversos estilos musicais. Em seu surgimento, o funk carioca ainda tinha muito das raízes americanas – criando sua própria identidade ao longo dos anos.

O Funk começa a evidenciar-se no Rio De Janeiro, em meio as periferias e favelas. Portanto, as letras criadas ao longo do tempo têm total ligação ao contexto em que estes estão inseridos, sendo evidenciado as questões de violência, criminalidade e a exacerbação da sexualidade. Sendo assim, este é, desde seus primórdios, um dos estilos musicais mais perseguidos pela ala mais conservadora da sociedade – segundo a Tese Marcia Amorim.

Ao longo dos anos, o funk passou a ter em sua essência, a presença da mídia fotográfica como um de seus grandes elementos de repercussão e aproximação com seu público-alvo, fazendo com que ele aumentasse cada vez mais – criando assim – vários tipos e estilos de funk em diferentes regiões do país, criando diferentes contextos, respectivamente. Além disso, com o surgimento das redes sociais e das plataformas de áudio, o funk de diferentes regiões passou a ser escutado por outras mais rapidamente, fazendo com que o mesmo pudesse ser evidenciado em diferentes camadas da sociedade, diferentemente de seu surgimento, quando ele era mais concentrado na camada de baixa renda.

o baile funk é uma festa de música feita pela e para a comunidade, por MCs (...) que são o orgulho de sua área e de muitas outras áreas da cidade, dependendo da fama que conquistam. Uma fama que se faz na força dos gestos e das palavras, nesse circuito subterrâneo que poucas vezes chega à grande mídia. E que, quando chega, vê seus ídolos serem tratados como artistas de segunda classe, um exotismo local, uma sensação que não emplaca outro verão. (Essinger, Silvio. apud 2005, p. 12)

Para o artigo publicado na Revista *Ártemis*, em 2017, em São Paulo por exemplo, o funk tem origem na baixada santista, na qual, inicialmente os bailes eram feitos na comunidade, inicialmente com canções advindas do Rio de Janeiro. Entretanto, não demorou muito para que a região litorânea do estado começasse a sua própria produção musical.

O funk se desenvolveu na Baixada com a mesma diversidade do carioca, entretanto um pouco mais tímido. Nele, também se desenvolveu os funks proibidão e da putaria, entretanto também houve a criação de funks mais complexos e conscientes, adjuntos da fusão com o rap.

Contudo, uma das principais características do funk da cidade paulistana está no fato de ser o funk ostentador: este passou a ser expandido pelo fato de ser mais aceito pela camada mais alta da sociedade. Diferentemente do funk proibidão que, muitas vezes, foi reprimido por muitos.

Com isso, o funk ostentador passou a ser característico pelo sonho do consumismo. Esta mudança tornou-se clara a partir de 2010, quando o funk paulistano deixou de ser limitado às periferias da cidade com os pancadões e passou a ser aceito por outras partes da sociedade.

Caracterizado pelo desejo de consumir e possuir bens de marcas famosas e sendo assim, criar-se um poderio de status para conquistar as mulheres, o funk ostentação nasceu em São Paulo e também foi instaurado no nordeste influenciando as letras do “brega funk” oriundos, sobretudo no Pernambuco.

Entretanto, com o passar dos anos a sociedade mudou e o funk passou a ser – cada vez mais – marginalizado na sociedade, tendo letras e canções

que marginalizam as mulheres e normalizam o machismo, contextos estes que não são mais tolerados na sociedade. Porém, como sabemos, o machismo ainda está intrínseco na sociedade, tendo seu aparecimento nas micro atividades do dia a dia e que nós, muitas vezes, nem percebemos a presença de tal preconceito.

Portanto, a partir do próximo capítulo, analisaremos a presença da mulher no funk e a normalização do machismo advindos das letras dos funks, e como este é, muitas vezes, ignorado por muitos setores sociais.

## **2. A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO FUNK**

A participação feminina no funk, está na utilização de seu corpo como objeto sexual, expondo a sua sexualidade de forma vulgar. No entanto, a mulher – ou funkeira – trata deste movimento em tom de brincadeira, legitimando, de certa forma, as letras de Funk. Contudo, as vezes a mulher coloca-se como dominante perante o patriarcalismo existente em sociedade. Em outrora, coloca-se como submissa às determinações do macho.

A análise deste movimento trazida na Tese de Marcia Amorim, faz com que nós tenhamos um estudo mais próximo ao comportamento da mulher, não só em relação ao funk, mas sim ao que de fato é o cotidiano delas. Afinal, representações musicais, são sim um reflexo do que vivemos em sociedade.

O funk é utilizado como referência para este tipo de conteúdo, pois traz por meio dele, várias formas de enxergar a mulher. Por muitas vezes, ela é colocada como alguém supremo “poderosa”, mas em outras, é colocada de forma submissa, prepotente: “cachorra”, termo que incomoda muitos dos que estão fora da realidade do funk. Entretanto, estes termos são legalizados por quem faz parte do funk, sendo por muitas vezes, bem recebido por eles. Por mais discrepante que possa ser, as realidades de quem vai de encontro ao funk, e dos que estão ao encontro do funk, são bem diferentes, fazendo com que as opiniões sobre estes termos sejam diferentes.

A mulher funkeira, assume sim o seu papel de sedutora, mas também o de cachorra – cantando e dançando músicas sem quaisquer sentimentos de ofensa. Ela, de maneira geral, gosta de ser colocada como submissa e como a rainha, desconsiderando tudo o que há de machismo em ambos os casos. Sendo assim, Marcia Amorim nos traz duas letras que nos trazem esta diferenciação que há entre as letras de funk: sedutora vs cachorra.

Glamurosa! / Rainha do funk / Poderosa! / Olhar de diamante / Nos envolve, nos fascina / Agita o salão / Balança gostoso / Requebrando até o chão. / Se quiser falar de amor / Fale com o Marcinho / Vou te lambuzar / Te encher de carinho / Em matéria de amor / Todos me conhecem bem / Vou fazer tu vibrar / No meu estilo vai e vem / Minha catita doida / Vou te dar beijo na boca / Beijar teu corpo inteiro / Te deixar muito louca / Vem! Vem dançar! / Empine o seu popozão / Remexe gostoso / E vai descendo até o chão. (MC Marcinho: Glamurosa.)

Cachorroneia na vida / pode me pedir que pra você viro bandida / cachorroneia na vida / cachorroneia na vida / se você é prostituto escute o que eu vou falar / sou cachorroneia mesmo e late que eu vou passar / sou cachorroneia mesmo e late que eu vou passar / levante a mão esquerda e comece a dançar / mãozinha na cintura rebolando sem parar / mãozinha na cintura rebolando sem parar / mãozinha na cintura rebolando sem parar / sou cachorra, sou safada / sou cachorra, sou safada / sou cachorra, sou safada / pode vim, pode vim, começou a cachorrada. (Gaiola das Popozudas: Cachorroneia Na Vida)

Este contraste, entre uma letra e outra é muito comum no funk, e muitas vezes promove uma segregação entre os cantores, sendo assim, cada um acaba pegando pra si uma identidade diferente dentro do funk.

Portanto, por colocar a mulher de diversas formas, do 8 ao 80, e também ser caracterizado por não possuir letras tão elaboradas, como o hip-hop por exemplo, o funk acaba por sofrer diversos preconceitos e acaba por não ser aceito como um movimento cultural, justamente por utilizar-se da

mulher como um objeto vulgar, por diversas vezes.

Em sua grande maioria, as letras do funk são caracterizadas pela sua simplicidade e repetição de palavras. Além disso, a sua batida convida para dança, em festas ou baladas. Da mesma forma que as expressões se repetem, as batidas também, caracterizando bem o seu público e facilitando o acesso as cantorias e danças no funk.

Por isso, muitas pessoas desconsideram o funk como uma expressão artística, caracterizando-o como um movimento de cunho erótico, pelo fato de seus gestos, em suas danças, remeterem muitas vezes a encenações sexuais.

## **2.1 A NORMALIZAÇÃO DO MACHISMO NO FUNK**

A pesquisadora e escritora mexicana Marina Castañeda apresenta uma definição clara sobre o que é a ideologia machista:

Costumamos pensar que o machismo só se dá entre homens e mulheres, sobretudo na relação entre pares. Mas é muito mais que isso: constitui toda uma constelação de valores e padrões de conduta que afeta todas as relações interpessoais, o amor e o sexo, a amizade e o trabalho, o tempo livre e a política... Esse conjunto inclui a pretensão do domínio sobre os demais, especialmente sobre as mulheres; a rivalidade entre os homens, a busca de múltiplas conquistas sexuais; a necessidade constante de exibir certos traços supostamente viris [...] e um desprezo mais ou menos aberto aos valores considerados femininos (Castañeda, 2007 apud, p.26, tradução nossa).

Nas letras de funk, duas manifestações ideológicas são claras e manifestas: o consumismo e o machismo. Neste, abordaremos o segundo fator com mais ênfase.

Machismo

Movimento que coloca o homem como um ser dominante perante o sexo feminino. Estes imaginam que a mulher deve ser submissa ao homem, e que ela deve se comportar perante os mandamentos de seu homem - o comandante. Estes são comportamentos que biologicamente já nos fazem crer que existem diferenças entre os dois sexos. O menino aprende que é mais forte, gosta de objetos diferentes dos dela, objetos estes – que muitas vezes – já indicam para a criança qual a representatividade que ela deve seguir ao longo de sua existência – influenciando assim, sua forma de ser e de estar desde o início da existência de tal indivíduo.

Portanto, a ideologia machista já está instaurada em sociedade desde seus primórdios, estando presente em detalhes que já executamos automaticamente, sendo este caracterizado como Machismo Estrutural, segundo Helio Hintze, em seu livro “Desnaturalização Estrutural do Machismo na Sociedade Brasileira”. Ou você dará uma bola de futebol para a sua afilhada, e uma boneca para o seu afilhado? Basta aceitarmos que nascemos em um ambiente que separa um sexo do outro, colocando o masculino como superior.

O machismo está nas mais simples interações sociais, sendo imperceptível e normal.

Em síntese, as mulheres caem na forma de ser e de estar dos homens, se apropriando a eles: como se vestir, se maquiar, com quem andam e onde. Todos estes são fatores que o sistema social implica na mulher, fazendo com que ela não sinta que isto também é um tipo de machismo. Devemos esclarecer, que o significado de machismo não está apenas nos casos de violência doméstica (apesar de ser o extremo da utilização do termo). E sim, em práticas, costumes, diálogos e expressões utilizadas diariamente pelo homem, e até pela mulher: que inocente quanto ao tema, propaga discursos que a colocam como um ser

inferior sem ela ter a consciência de que aquele era um discurso, ou ato machista.

Contudo, vale ressaltar que não é apenas na força física que há machismo, mas sim nos costumes do cotidiano, como através do uso da linguagem, ao usar expressões como “minha patroa” ou “minha donzela”, mostrando o fato de que aquele homem quer dominá-la. Às vezes, ele pode estar instaurado no subconsciente, e nem ele acredite nisso, mas aprendeu em seus primórdios a se comportar dessa forma, perante a mulher.

É fato que a mulher tem conquistado seu espaço sim, este não é mais um tema intocável como deveria ser, e era, em tempos ainda sombrios em relação a tantas coisas, reconhecemos sim que esta é uma conquista baseada na luta e na garra e que demorou, e ainda demorará anos para ser conquistada. Mas, vale voltar a ressaltar, de que esta é uma luta que começa nas mais simples coisas do cotidiano, aquelas que fazemos sem nem perceber.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do desenvolvimento do artigo e das pesquisas feitas, ficou evidente o quão normalizado é o machismo nas letras de funk. Além disso, foi analisado a convivência em que estamos inseridos no meio social para aceitar e – indiretamente ou não – propagar as canções de funk como qualquer outra.

Neste, ficou claro que a música é só mais um dos meios em que o machismo está intrínseco, e que isto evidenciou-se de tal forma com a ascensão das letras de Funk e que estas colocam a mulher do 8 ao 80: como cachorra e como rainha, e que num geral, há amantes dos dois tipos de letras.

O machismo está inserido nos mais simples costumes vossos do cotidiano, e a música é só mais um destes. Para combatê-lo, é preciso mexer na base – e não no topo da Pirâmide.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMORIM, MARCIA. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino.** 2009.177p. Tese (Doutorado em Línguas) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HINTZE, HELIO. **DESNATURALIZAÇÃO DO MACHISMO ESTRUTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA.** 1. Ed. São Paulo: Paco Editorial,2020. 82p.

MARCONDES GARCIA PEDRO, THOMAZ. **Funk brasileiro: Música, Comunicação e Cultura.** 2015. 139p. Tese (Dissertação em Comunicação e Semiótica) – Faculdade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, JUCELINO. **MÚSICA, IDEOLOGIA E RELAÇÕES DE PODER: a imagem da mulher nas letras de funk.** 2. Ed. Pernambuco: Revista Artemis, 2017. 13p.

